

A ANÁLISE DE TEXTOS-ENUNCIADOS COMO PRÁTICA PRECEDENTE À ELABORAÇÃO DIDÁTICA

Rodrigo Acosta PEREIRA¹

Resumo: O artigo apresenta orientações enunciativo-discursivas para a análise de textos-enunciados como atividade prévia à prática de elaboração didática do professor de Língua Portuguesa. Para tanto, revisitamos os escritos do Círculo de Bakhtin em torno do enunciado, as discussões sobre elaboração didática propostas por Halté (2008[1998]) e os trabalhos sobre as unidades básicas de ensino e aprendizagem de Geraldi (1984[1985]; 1997[1991]). A proposta não se apresenta como um quadro modelizador, mas como um pensar reflexivo e dialógico em torno de *caminhos de análise* acerca dos textos-enunciados que possam assistir o professor na elaboração de atividades para o ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Texto-enunciado. Análise. Elaboração didática

Abstract: *The paper presents enunciative-discursive orientations to the utterance analysis as a previous activity to Portuguese Language teachers' didactic elaboration. To do so, we reviewed Bakhtin's Circle writings and the discussions concerning the concept of utterance, the postulations about didactic elaboration practice from Halté (2008[1998]) and the studies from Geraldi (1985[1984]; 1997[1991]) about the basic units of learning and teaching language at school. The proposal is not a prescriptive model, but a reflexive and dialogical thought around the analysis paths of utterance as a helpful way to assist the teacher in their practice of didactic elaboration to teach Portuguese Language.*

Keywords: *Utterance. Analysis. Didactic elaboration*

Introdução

Diversas pesquisas contemporâneas no campo da Linguística Aplicada têm procurado discutir o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica sob um olhar enunciativo-discursivo, dentre outros caminhos, à luz das discussões datadas da década de 1980 e 1990 em torno do ensino operacional e reflexivo (BRITTO, 1997) e das unidades básicas de ensino e aprendizagem (GERALDI, 1985[1984]; 1997[1991]). Embora revisitadas e reacentuadas ao contexto

¹ Professor do DLLV e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, Santa Catarina, Brasil. Trabalho integrado ao NELA – Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada (UFSC/PPGLg). E-mail: drigo_acosta@yahoo.com.br

contemporâneo, na escola, na maioria das vezes, o ensino e a aprendizagem da linguagem parecem estar ainda (embora passados cerca de 30 anos) assentados sob a ótica imanente, desvinculados dos usos sociais da língua. Visando ao entendimento de que ensinar a linguagem na escola é ensinar os usos sociais da língua em seus contextos plurais de interação (GERALDI, 2010), objetivamos apresentar uma discussão, de cunho teórico-metodológico, em torno da proposta de análise enunciativo-discursiva de textos-enunciados como subsídio para a elaboração didática (HALTÉ, 2008[1998]). Em outras palavras, objetivamos discutir (e, por conseguinte, refletir sobre) considerações de ordem teórico-metodológica para a análise de textos-enunciados como etapa prévia de trabalho do professor em suas práticas de elaboração didática em torno de atividades didático-pedagógicas de leitura, escuta, escrita e análise linguística para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa na escola de Educação Básica.

Para tanto, dentre os diversos domínios envoltos aos estudos do enunciado e do discurso, situamo-nos nos escritos do Círculo de Bakhtin, principalmente retomando desses estudos as diversas diretrizes de ordem teórico-epistemológica e metodológica de estudo da enunciação². Além disso, a fim de compreendermos a prática de elaboração didática, revisitamos a discussão de Halté (2008[1998]) e, em torno das unidades básicas de ensino e aprendizagem, endereçamo-nos nos estudos de Geraldi (1985[1984]; 1997[1991]) para que, nesse *diálogo* (PONZIO, 2012), possamos coconstruir integridades sobre o ensino e a aprendizagem da linguagem na escola de Educação Básica e, especial, no trabalho docente de elaboração de atividades didático-pedagógicas. Ressaltamos, em adição, que nosso artigo não se apresenta exaustivo nem deve ser levado como um modelo prescritivo de análise a ser seguido à risca (dada nossa postura bakhtiniana, nem poderíamos acreditar nisso). O que propusemos são *reações-respostas* (no sentido dialógico do Círculo) em torno do que se pode (em termos de concretibilidades singulares e não de idealidades universais) *analisar* ao estudarmos os textos-enunciados que medeiam nossas interações, dada a “insondabilidade do sentido” na/da enunciação (BAKHTIN, 2003[1979], p.401). Com isso, nosso objetivo maior é contribuir para a construção de *caminhos* em torno de um trabalho docente de excelência e teoricamente amparado (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATI, 2011).

² Em Linguística, sob um *recorte ilustrativo* (a grosso modo) diferentes áreas têm trazido à tona o conceito de enunciado, seja sob um ponto de vista linguístico-estrutural (BENVENISTE, 1966), semântico-argumentativo (DUCROT, 1987), seja linguístico-textual (ADAM, 1990; 1992), por exemplo. Nesta discussão, referimo-nos à visão de enunciado enquanto unidade concreta de sentido do uso da língua em situações de interação. Em outras palavras, nossa posição é endereçada nos escritos do Círculo de Bakhtin, a partir dos quais, o enunciado é visto como um “[...] fenômeno ideológico, concreto, que é sempre material e histórico.” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.44). Assim, não estaremos pensando a enunciação como processo e o enunciado como produto, nem estaremos vinculando o enunciado a construções linguístico-estruturais de ordem argumentativa ligadas ao contexto de uso em oposição à frase, ou à configuração pragmática de proposições, mas estaremos compreendendo, em todos os momentos desta discussão, que o enunciado diz respeito a “[...] um sentido concreto [...] uma realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003[1979], p.291).

A interação verbal como realidade concreta da língua

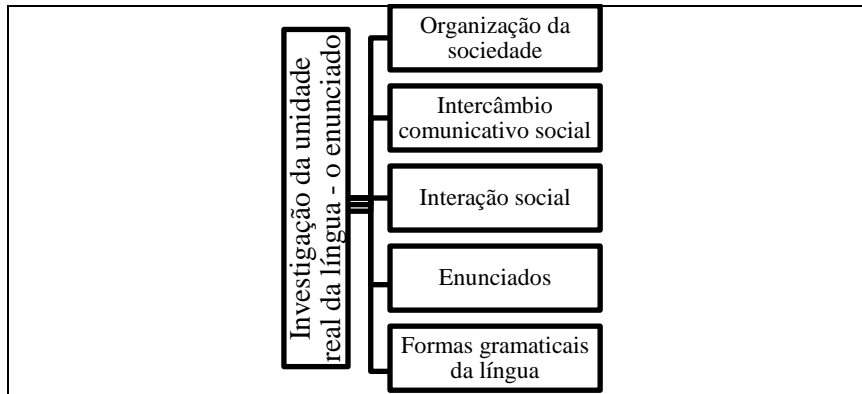
Bakhtin; Volochínov (2006[1929]) pontuam repetidamente que a comunicação verbal não pode ser compreendida desvinculada da interação. Para os autores, “a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção.” (p.128). É sob a matriz dessa afirmativa que os autores postulam as *diretrizes metodológicas para o estudo da língua*:

- (1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- (2) As formas das distintas enunciações [gêneros do discurso], dos atos de fala isolados, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- (3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.128-129).

Como podemos visualizar, as etapas acima orientam o pesquisador para a análise da língua sob a ordem do social para o linguístico, isto é, o analista inicia das formas e dos tipos de interação para o exame das formas da língua, ratificando o pressuposto de que a comunicação verbal só pode ser explicada a partir do vínculo com a situação concreta de interação. Além disso, as diretrizes metodológicas delineadas acima nos conduzem a olhar para outros conceitos que ascendem nos escritos do Círculo: *enunciado e gênero do discurso*. Dado que é comum ao estudo da língua sob o viés sociológico do Círculo a recorrência aos diversos conceitos outros que se consociam nesse quadro teórico, neste momento, haja vista nosso objetivo, circunscrevemos nossa discussão em torno dos dois previamente mencionados. Assim, podemos compreender que, na perspectiva sociológica, a unidade de análise é o enunciado, e suas formas típicas relativamente estáveis, os gêneros.

Em síntese, como explica Volochínov (1993[1929], p.246-247), sob a ótica sociológica, podemos entender que “a essência efetiva da linguagem está representada pelo elo social com a interação verbal”, permitindo construir, segundo o autor, o seguinte esquema, que, por sua vez, “[...] serve como um *guia* para a investigação da unidade real da língua, que chamamos de enunciação.” (VOLOCHÍNOV, 1993[1929], p.246-247, grifo nosso). Segue a proposta de Volochínov:

Figura 01- Etapas de investigação da unidade real da língua – o enunciado



Fonte: Esquema proposto por Volochínov (1993[1929], p.247).

Sobre o esquema acima, segundo Volochínov (1993[1929], p.247), seguem alguns esclarecimentos. Para o autor, sob a ótica sociológica, é necessário (i) examinar o intercâmbio social³, no qual o enunciado se constitui e funciona; (ii) compreender o conceito de interação verbal como “[...] a efetiva realização da vida real de uma das formas, de uma das variedades do intercâmbio comunicativo” (VOLOCHÍNOV, 1993[1929], p.247), ou seja, uma das situações específicas de interação no interior de uma dada esfera; (iii) analisar as formas típicas dos enunciados, os gêneros; e (iv) analisar as formas linguísticas à luz da baliza do gênero do enunciado integrado à situação de interação, à medida que “cada um dos tipos de intercâmbio comunicativo organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação [...].” (VOLOCHÍNOV, 1993[1929], p.248).

Em adição à presente discussão sobre as etapas metodológicas de análise da língua sob a ordem sociológica, Rojo (2005) assim esclarece:

[...] a ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas [...] que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p.199, grifo nosso).

Em consonância com a discussão de Rojo (2005), Brait (2006) explica que a metodologia proposta por Bakhtin para o estudo da linguagem, embora se apresente como uma abordagem

³ Podemos compreender como *esfera da atividade humana*. Rodrigues (2005) explica sobre a flutuação terminológica no conjunto dos escritos do Círculo.

diferenciada, não exclui a Linguística, pelo contrário, Bakhtin (2008[1963]) entende que devem completar-se, mas não fundir-se⁴. Dessa forma, como ratifica a autora, metodologicamente estaremos, em termos bakhtinianos, ultrapassando a materialidade linguística, procurando desvendar a articulação constitutiva que há entre o interno e o externo na linguagem. “O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído.” (BRAIT, 2006, p.13).

Além disso, cabe ressaltar que, no caminho metodológico bakhtiniano, não há categorias de análise *a priori* aplicáveis de forma sistemática a textos, discursos, gêneros, com a finalidade de entender uso situado da língua. Nos escritos do Círculo, há, na verdade, uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados. De fato, cabe ao pesquisador desbravar esse caminho, construindo, por conseguinte, uma postura dialógica diante de seu objeto discursivo (BRAIT, 2006). “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]” (BRAIT, 2006, p.29). Sob essa orientação, Brait (2006) assim esclarece:

[Sob a orientação sociológica do Círculo, direcionamo-nos a] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias a priori aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber o “enfrentamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2006, p.13-14, grifo da autora).

Em outro momento, a autora reitera,

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um *corpus* imobilizado pelas lupas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam

⁴ “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos [...]. Devem completar-se mutuamente, e não fundir-se.” (BAKHTIN, 2008 [1963], p.207)

extraídos do *corpus*, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida. [...] (BRAIT, 2007, p.28).

Como podemos ver, Brait (2006; 2007) ratifica o pressuposto da inexistência de categorias pré-estabelecidas para a análise da língua-enunciado sob a ordem sociológica do Círculo. Rojo (2005), Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012) compartilham da mesma consideração, reiterando o postulado de que, é nas “idas e vindas” aos dados que as regularidades ascendem e não na aplicação de modelos de análise pré-estabelecidos, *imobilizando* a potencialidade discursiva dos dados. Assim, podemos compreender que, à luz dos escritos do Círculo, não há a possibilidade mecânica de operacionalizar conceitos pré-estabelecidos (modelos de análise), mas um movimento dialógico com os dados, “[...] que interroga o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas afeitas.” (BRAIT, 2007, p.30-31).

Assim, entendemos que o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros do discurso é de importância fundamental para superar os estudos simplificados da vida do discurso, do fluxo discursivo da comunicação. É somente o estudo do enunciado como unidade real de comunicação discursiva, por exemplo, que nos permite compreender de modo claro a natureza das unidades da língua e seu emprego na forma de enunciados concretos. Acerca especificamente do estudo do enunciado e de suas formas relativamente estáveis, os gêneros do discurso, Bakhtin (2003[1979]) pontua algumas considerações metodológicas que, dados nossos objetivos de delinear rotas de análise da língua como objeto social e sua materialização concreta, reenunciamos abaixo⁵:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana [esferas] é de enorme importância para quase todos os campos da linguística [...]. [...] *todo o trabalho de investigação de um material linguístico concreto [...] opera inevitavelmente com enunciados concretos* (escritos e orais [e de outras formas semióticas]) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...] de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. *O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida.* (BAKHTIN, 2003[1979], p.264-265, grifo nosso).

Uma determinada função [...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais

⁵ Faremos um breve levantamento de considerações do Círculo em torno dos pressupostos metodológicos de análise do enunciado. Para tanto, seguem-se diferentes excertos com partes grifadas, marcando o olhar (do Círculo) para a análise enunciativa.

relativamente estáveis. [...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. [...] tanto *a questão metodológica de princípio quanto a questão geral relativa às relações recíprocas do léxico com a gramática, por um lado, e com a estilística, por outro, baseiam-se no mesmo problema do enunciado e dos gêneros do discurso.* (BAKHTIN, 2003[1979], p.266-269, grifo nosso).

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto da linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero do discurso já se trata de um fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico. *Mas esses dois pontos de vista sobre o mesmo fenômeno concreto da língua não devem ser mutuamente impenetráveis nem simplesmente substituir mecanicamente um ao outro, devendo, porém, combinar-se organicamente (na sua mais precisa distinção metodológica) com base na unidade real do fenômeno da língua. Só uma concepção profunda da natureza do enunciado e das peculiaridades dos gêneros discursivos pode assegurar a solução correta dessa complexa questão metodológica.* (BAKHTIN, 2003[1979], p.269, grifo nosso).

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve em conta seu significado estilístico. [...] Toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, *todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística.* (BAKHTIN, 2013, p.23-25, grifo nosso)

[...] o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (BAKHTIN, 2003[1979], p.269, grifo do autor).

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* de comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo, *limites* absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substancial e de princípio, precisam ser examinados minuciosamente. (BAKHTIN, 2003[1979], p.274-275, grifo do autor).

[...] é necessário abordar previamente o problema da *oração* como *unidade da língua* em sua distinção em face do *enunciado* como *unidade da comunicação discursiva*. [...] A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade. (BAKHTIN, 2003[1979], p.277-278, grifo do autor).

As unidades da comunicação discursiva – enunciados totais – são irreprodutíveis (ainda que se possa citá-las) e *são ligadas entre si por relações dialógicas.* (BAKHTIN, 2003[1979], p.335, grifo nosso).

Como podemos observar, os excertos nos conduzem a diversas reflexões de Bakhtin acerca da questão (base) metodológica de análise da língua à luz da unidade de comunicação discursiva – o enunciado. Desde aspectos voltados inicialmente ao trabalho de seguir a ordem da vida concreta da língua em situações reais e vivas de interlocução, até as considerações do Círculo sobre a relação entre gramática, estilística e unidades da língua, as orações, e unidades do discurso, os enunciados. Além disso, em consonância com a visão de língua, o Círculo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, delineiam especificações em torno da orientação ideológico-valorativa da língua em uso. Em outras palavras, Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p.198-202) preocupam-se, dentre outras questões, em desenhar o estudo do “[...] julgamento de valor inerente a toda a palavra viva, revelado pela acentuação e pela entoação expressiva da enunciação [...] a orientação apreciativa [e ideológica] do discurso. [Afinal] a palavra é um fenômeno ideológico por excelência [...]” Para os autores, é “indispensável observar as seguintes regras metodológicas” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.45, grifo dos autores):

- (1) *Não separar a ideologia da realidade material do signo [...].*
- (2) *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social [...].*
- (3) *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura).*

Para o Círculo, todo signo é ideológico e, portanto, “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.33). Assim, as etapas metodológicas supracitadas direcionam o pesquisador para o entendimento de que, ao analisar a língua em uso, o pesquisador deve compreender que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.36) e, sobretudo, que

Porque o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entra no horizonte social do grupo e desencadeia uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. [...] Em outras palavras, *não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.* [...] O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.46, grifo dos autores).

A partir dessa colocação dos autores, compreendemos que, em termos metodológicos, o estudo da língua em uso, realizada concretamente por enunciados, deve levar em consideração a orientação ideológico-valorativa desses enunciados, à medida que, para o Círculo, “[...] a plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices sociais de valores [posições axiológicas] que torna o signo vivo [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.47).

Em adição às ideias de Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), Medviédev (2012[1928]) explica que as concepções de mundo, as crenças, os ideais tornam-se realidade ideológica quando investidos por material semiótico. Dito de outra forma, para o autor, “[...] a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo da comunicação social. Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, *não podem ser estudados fora do processo social* [...]” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.49, grifo nosso). Para Medviédev (2012[1928], p.50), todo produto ideológico é parte da realidade social e se manifesta semioticamente, posto que “não importa o que a palavra signifique, ela, antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem.”

O autor ainda reitera que “a comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo.” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.50). Uma correta orientação filosófica geral para o social e a consequente necessária “precisão metodológica” sob esse olhar, podem ser dadas somente sob “o terreno do caráter sociológico dos fenômenos ideológicos” (p.71). É preciso entender na palavra, “as forças e energias da vida ideológica e social.” (p.82-83). Em síntese, “se nós [...] nos distanciamos das relações sociais que atravessam [o objeto ideológico] e das quais ele é uma das mais sutis manifestações, se o retirarmos do sistema de interação social, então, nada restará do objeto ideológico.” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.134).

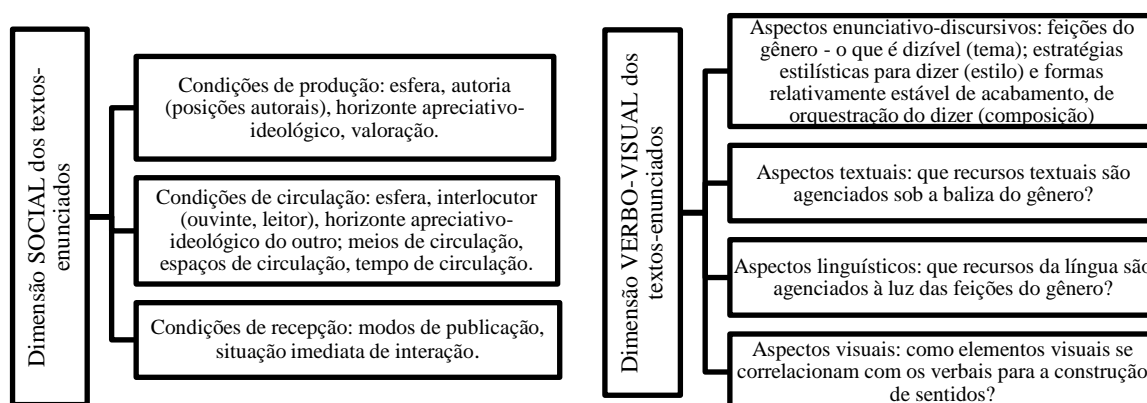
Em relação à projeção valorativa de toda palavra (do signo ideológico, do enunciado, do discurso), Medviédev (2012[1928], p.183) pontua que “[...] a avaliação social está presente em cada palavra viva [...]. Qualquer enunciado concreto é um ato social.” Além disso, dadas as orientações de Medviédev, é metodologicamente impossível compreender o enunciado em sua realização concreta sem adentrar-se na atmosfera axiológica do meio ideológico. Com isso, “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...]. No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social.” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.185).

Dada nossa compreensão em torno da enunciação e de seu estudo à luz das considerações não apenas teóricas, mas, sobretudo, metodológicas do Círculo, passamos a delinear aspectos endereçados no nosso objetivo presente: a análise de enunciados como uma prática precedente à elaboração didática do professor de Língua Portuguesa.

Textos-enunciados: um olhar analítico

Neste momento, objetivamos seguir um caminho de *questionamentos*⁶ como orientadores para a análise. Esse caminho segue a proposta metodológica de Rodrigues (2001) para a análise de gêneros do discurso, textos-enunciados típicos, a partir de duas dimensões: social e verbal, à luz das considerações teórico-metodológicas explicitadas na seção anterior. Acrescentamos à dimensão verbal proposta pela autora a caracterização “visual”, como desenvolvido em Acosta-Pereira (2008; 2012), dada a diversidade de textos-enunciados multissemióticos que medeiam nossas situações de interação. Para fins ilustrativos, seguem dois gráficos que sintetizam as questões a serem exploradas em cada dimensão, com base nos autores:

Figura 02: Dimensões de análise dos textos-enunciados



Fonte: Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012).

Na dimensão social do texto-enunciado, o professor pode *questionar* em sua análise:

- Qual a razão desse texto-enunciado ser escrito?
- Qual a esfera que esse texto-enunciado é produzido e quais as características dessa esfera?
- O texto-enunciado é produzido na esfera sob a baliza de qual instituição?
- Quem escreve o texto-enunciado? E como a autoria se projeta no texto-enunciado?
- Onde circula esse texto-enunciado?
- Por quanto tempo circula? Esse tempo-espaço de circulação traz efeitos de sentido para o texto-enunciado?

⁶ “O sentido sempre responde a certas perguntas.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.381).

- Em que suporte circula esse texto?
- Em qual mídia é publicado?
- Em qual seção? Como se caracteriza o espaço de publicação?
- Quando e onde o texto foi publicado?
- A quem se destina? Qual o público-leitor em potencial? Como se projeta o interlocutor no texto-enunciado?
- Como se caracterizam os aspectos de diagramação (*layout*)? Intercalam-se gêneros outros?

A dimensão social, dessa forma, diz respeito às conjecturas histórico-culturais e ideológico-valorativas de constituição e funcionamento dos textos-enunciados. Na análise dessa dimensão, o professor pode explorar questões em volta à situação ampla dos enunciados, assim como à situação imediata, procurando compreender, dentre outras questões, aspectos em torno da autoria e do projeto discursivo do sujeito-autor, do interlocutor e seu papel na construção do enunciado, por exemplo. Além disso, questões sobre a dimensão tempo-espaço do texto-enunciado e de sua esfera de produção, circulação e recepção (compreensão, interpretação) são, em adição, consideradas na análise dessa dimensão, conforme os *questionamentos* acima. Ao final, o professor, pode investigar a possibilidade de intercalação de textos-enunciados outros no texto-enunciado que analisa, evidenciando ou não esse engendramento dialógica na construção de sentido para a interação.

Na dimensão verbo-visual do texto-enunciado, por sua vez, o professor pode *questionar* em sua análise:

- Sobre o que trata o texto-enunciado?
- Que valores (posições avaliativas, ideológicas) são marcados nesse dizer?
- Que relações esse dizer estabelece com outros dizeres?
- De que outras formas o conteúdo temático pode(ria) ser dito?
- Qual o projeto discursivo do autor?
- Quais recursos lexicais, gramaticais, textuais estão sendo agenciados para realizar o projeto discursivo do autor à luz do gênero em tela?
- Como o texto-enunciado orchestra a projeção composicional do gênero em tela?
- Como elementos visuais se correlacionam com os verbais para a construção de sentidos? Há gêneros multissemióticos intercalados? Qual a relação de sentido com o texto-enunciado em tela?

Na dimensão verbo-visual, portanto, o professor pode investigar o conteúdo temático do texto-enunciado, seu estilo e sua composição, procurando evidenciar como este funciona em

determinada esfera de atividade. Para fins de exemplificação, tomemos o caso da análise prévia do texto-enunciado *notícia online*.

Figura 03 – Notícia *online* publicada no jornal *Diário Catarinense*.



Fonte: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/> Acesso em 31/01/2014.

Abaixo seguem possíveis *respostas* aos *questionamentos* que orientam a análise. Não respondemos a todos os questionamentos, nem aspiramos a ser exaustivos, deixando ao nosso interlocutor o trabalho da resposta.

Tabela 01: A análise de textos-enunciados

Dimensões social e verbo-visual	Feições do gênero do discurso
Qual a razão de esse texto-enunciado ser escrito?	Reportar fatos sociais, políticos, econômicos etc. do cotidiano. No caso da notícia em ilustração, as espionagens dos EUA sobre o Brasil.
Qual a esfera em que esse texto-enunciado é produzido e quais as características dessa esfera?	Esfera jornalística. A busca por efeitos de imparcialidade, de atualização de informações, de contemporaneidade dos fatos, etc.
O texto-enunciado é produzido na esfera sob a baliza de qual instituição?	Qual a empresa jornalística e sua posição ideológico-valorativa? Sensacionalista? Imprensa marrom? Há efeitos sob a linguagem? O jornal é o Diário Catarinense que tem uma

visão ideológica de direita no estado de SC.

Quem escreve o texto-enunciado? E como a autoria se projeta no texto-enunciado?

Quem é o autor (posição autoral)? É uma posição multi-autoral?

Há projeções linguísticas que marcam explicitamente a posição autoral?

Não está explícito o nome de quem assina a notícia, conferindo a esta uma projeção de autoria institucional.

Onde circula esse texto-enunciado?

O texto tem circulação municipal, regional, estadual, federal ou internacional? No caso da notícia em meio virtual, as fronteiras são infinitas. Se pensarmos acerca do jornal em versão impressa, a territorialidade é mais precisa.

Por quanto tempo circula? Esse tempo-espaço de circulação traz efeitos de sentido para o texto-enunciado?

É circulação de horas, de dias, semanal? E como isso reflete na seleção de objetos dizíveis pelo gênero? Geralmente notícias online circulam por 24h, mas podem permanecer por meses no arquivo digital do jornal. É claro que o conteúdo temático da notícia em tela diz respeito ao que tem se discutido na semana nas mais diversas mídias.

Em que suporte circula esse texto?

Jornal, revista, TV, celular, etc e qual os efeitos de sentido? No computador, em ambiente virtual, com acesso gratuito.

Em qual mídia é publicado?

Impressa, virtual, radiofônica, televisiva, telefônica.

Em qual seção? Como se caracteriza o espaço de publicação?

Qual o espaço destinado à publicação e como (ou por que) se dá essa disposição (valorativa)? A notícia é publicada na seção "Mundo" o que já antecipa as expectativas do leitor sobre o que vai ler.

Quando e onde o texto foi publicado?

O local de publicação e a data de publicação têm influência nos objetos dizíveis pelo gênero? Nos diferentes jornais, o mesmo fato seria

enquadrado com projeções distintas.

A quem se destina? Qual o público-leitor em potencial? Como se projeta o interlocutor no texto-enunciado?

Ver o público-leitor empírico (classe, idade, profissão, escolaridade, sexo, orientação sexual, etc) e discursivo (expectativas, interesses, horizonte apreciativo). Há recursos linguísticos explícitos no texto-enunciado que projetam esse leitor?

Aqui o *Diário Catarinense* tem seu público-leitor em potencial, além daqueles que navegam na internet. Uma *notícia* pode ter mais adesão do que outras (acessos) a depender do que reporta e do como reporta.

Como se caracterizam os aspectos de diagramação (*layout*)? Intercalam-se gêneros outros?

Ver cores, disposição dos parágrafos, olho textual, boxes, fonte etc. Além disso, verificar a ocorrência da intercalação; por exemplo, no gênero notícia é comum intercalarem-se gêneros como *infográfico, fotografia, mapa* etc.

Esse gênero engendra-se a outro para funcionar?

Alguns gêneros necessitam engendram-se a outros para funcionar (entrelaçam-se em relações dialógicas); por exemplo, o gênero *chamada de capa*, necessita que haja uma *notícia* ou *reportagem* principal na revista ou jornal.

Sobre o que trata o texto-enunciado?

O conteúdo temático do texto-enunciado.

Que valores (posições avaliativas, ideológicas) são marcados nesse dizer?

O horizonte apreciativo sob o qual o sujeito-autor enuncia. Em outras palavras, é a baliza ideológico-axiológica a partir da qual o dizer se constitui.

Que relações esse dizer estabelece com outros dizeres?

As relações dialógicas (relações semântico-valorativas) que se estabelecem no dizer balizado pelo gênero do discurso. São relações com o dizer do outro (já-ditos, pré-figurados).

De que outras formas o conteúdo temático pode(ria) ser dito?

Outros caminhos argumentativos (por exemplo); sob que outro horizonte apreciativo o conteúdo temático do texto-enunciado

	poderia ser contemplado.
Qual o projeto discursivo do autor?	A vontade discursiva do dizer. O querer-dizer do sujeito-autor.
Quais recursos lexicais, gramaticais, textuais estão sendo agenciados para realizar o projeto discursivo do autor à luz do gênero em tela?	O estilo do texto-enunciado à luz da baliza do gênero. Verificar as projeções estilísticas. Por exemplo, verbos modais podem ser usados de formas diferentes e sob sentidos distintos, se pensarmos os gêneros <i>notícia</i> e <i>artigo assinado</i> .
Como o texto-enunciado orchestra a projeção composicional do gênero em tela?	O acabamento relativamente estável do gênero. É a orquestração de sua composição típica.
Como elementos visuais se correlacionam com os verbais para a construção de sentidos? Há gêneros multissemióticos intercalados? Qual a relação de sentido com o texto-enunciado em tela?	A construção de sentido entre o verbal e o visual.

Fonte: Rodrigues (2001; 2005) e Acosta-Pereira (2008; 2012).

Ao final da exemplificação em torno do texto-enunciado *notícia*, publicado em ambiente virtual, direcionemos nosso olhar para as considerações em torno da elaboração didática e as etapas (possíveis) para tanto.

Textos-enunciados: implicações didático-pedagógicas e a elaboração didática

A Teoria da Transposição Didática (T.D) nasce na década de 1980 com a preocupação de elaborar modos de transformar o conhecimento científico dentro de sistemas didáticos. É a conversão de *objeto do conhecimento* em *objeto de ensino*. Yves Chevallard, matemático e educador francês, observou a necessidade de associar a análise do conhecimento matemático com os estudos práticos didáticos. A T. D, para Chevallard (1991), realiza o trabalho de reorganização, medição e reestruturação dos saberes historicamente constituídos (institucionalizados) em saberes tipicamente escolares. Segundo Almeida (2011, p.10), para Chevallard, o conceito de T. D prevê

A concepção de 3 partes distintas e interligadas: o saber do sábio, que é o saber elaborado pelos cientistas; o saber a ensinar, que é a parte específica do professor e está voltada à didática e à prática de condução da sala de aula; e, por último, o

saber ensinado, aquele que foi absorvido pelo aluno mediante as adaptações e as transformações feitas pelos cientistas e pelos professores.

Diferentemente da posição de Chevallard (1991), Halté (2008[1998]) propõe o conceito de *elaboração didática* que, dentre outras questões, visa a distanciar-se do apagamento em que se caracterizam as posições do professor e do aluno à luz da teoria da transposição. Assim, diferentemente de transpor conhecimentos de ordem científica para o campo escolar – da ordem do *saber sábio* para o *saber ensinado* –, contempla-se o trabalho de *coconstrução de saberes de múltiplas ordens*, em eventos praxiológicos nos quais professor e aluno assumem papéis agentivos, situando o acontecimento da aula em um projeto didático, no qual o *saber ensinado* converge com escolhas, com objetivos compartilhados, com os conhecimentos prévios e com especialidades afins (HALTÉ, 2008[1998], p.139), caracterizando *a elaboração didática como um agenciamento de saberes empreendidos para a ação didático-pedagógica* (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Segundo Halté,

Pelo fato de fixar a atenção apenas sobre o polo dos saberes, a transposição facilita, e até legítima, a “deriva para os objetos de ensino”, em detrimento de outros pontos importantes do famoso triângulo. Pelo fato de definir um processo descendente, do saber científico para o saber escolar, ela favorece – até mesmo preconiza – o aplicacionismo. Pelo fato de organizar-se a partir de saberes distribuídos academicamente em campos constituídos, ela purifica os objetos de ensino ao preço de uma perda de sentido pelos aprendizes etc. Por essas razões, eu havia defendido uma didática globalmente praxiológica, caracterizando-se, em relação aos saberes, por uma metodologia implicacionista que eu nomeei elaboração didática dos saberes. (HALTÉ, 2008[1998], p.138, grifo do autor).

Entendemos, sob essa perspectiva, que para o trabalho docente de elaboração de atividades didático-pedagógicas, as etapas a seguir se sucedem. Primeiramente, entendemos que há a *seleção de textos-enunciados do gênero para trabalho em sala*: seleção de textos-enunciados concretos e de circulação social (GERALDI, 1984[1985], 1997[1991], 2010), como, por exemplo, textos-enunciados que circulam em âmbito global, como aqueles que circulam em contexto local, contemplando, em sala, uma prática híbrida (STREET, 2003). O importante é selecionar textos autênticos, inclusive com seu *design* original (ANTUNES, 2003; 2007; 2010). Em um segundo momento, ocorre a *análise prévia do texto-enunciado pelo professor como subsídio para a elaboração didática*: seguir (como sugestão) a análise da dimensão social e verbo-visual dos textos-enunciados. Terceira etapa, por sua vez, se caracteriza como a *elaboração de atividades de leitura*: propor atividades que contemplem tanto a dimensão social quanto a dimensão verbo-visual dos textos-enunciado em tela na aula. Entender que ler é reagir responsivamente ao texto-enunciado do outro.

Consociada à elaboração de atividade de leitura, ao nosso ver, ocorre a *elaboração de atividades de escrita*: propor atividades que os alunos tornem-se sujeitos-autores de seu dizer e que,

sobretudo, a aula agencie uma situação concreta de escrita na qual o aluno: (a) tenha o que dizer; (b) tenha razões para dizer; (c) (re)conheça os interlocutores para dizer; (d) assumo-se como autor do seu dizer e (e) escolha estratégias para dizer (GERALDI, 1997[1991], p.161). E ainda segundo Rodrigues; Cerutti-Rizzatti (2011, p.200):

A elaboração didática de ensino e aprendizagem da produção textual não pode prescindir a noção de gêneros se, de fato, tomarmos como princípio que à disciplina de Língua Portuguesa cabe o trabalho com o domínio dos usos sociais da linguagem. Desse encaminhamento, resulta que a grande maestria do professor de língua portuguesa está na elaboração didática de atividades didático-pedagógicas que medeiam o processo de apropriação de conhecimentos necessários à produção de textos pertinentes aos gêneros do discurso a que pertencem; e, como corolário, construir conhecimento praxiológico necessário para o aluno, como sujeito historicamente situado, poder transitar em diferentes esferas sociais cujas interações são mediadas pela escrita (no caso de interações mediadas por textos escritos).

E sob a perspectiva da leitura e da escrita de textos enunciados, ocorre a *elaboração de atividades de análise linguística*: propor atividades que os alunos reconheçam e compreendam como os diferentes recursos da língua são agenciados para construir sentidos sob a baliza da situação de interação (ACOSTA-PEREIRA, 2011; 2013). Dessa forma, todo texto-enunciado, sob a baliza de um gênero, em dada situação de interação, se utiliza de recursos linguísticos que agenciam sentidos integrados às feições do gênero e às conjecturas da situação de interação. A prática de análise linguística deve ser integrada às práticas de leitura e de escrita (ACOSTA-PEREIRA, 2013; RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Ao final, de forma integrada, entender como o gênero do discurso, texto-enunciado típico, medeia as práticas de leitura, de escrita e de análise linguística.

Considerações finais

Nosso objetivo neste trabalho foi, de forma objetiva, apresentar considerações de ordem enunciativo-discursiva para a análise de textos-enunciados como atividade docente prévia à elaboração didática. Desse modo, primeiramente, delineamos um caminho de discussão teórico-metodológica em torno do conceito de enunciado sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin, para que, em consórcio à proposta de análise, nosso interlocutor (leitor) pudesse traçar uma rota de idas e vindas entre a conceituação e os questionamentos para a análise. E um segundo momento, introduzimos os possíveis questionamentos em torno da análise das dimensões social e verbo-visual dos textos-enunciados e uma exemplificação com base no gênero *notícia online*.

Assim, esperamos que os questionamentos delineados acima contribuam para o trabalho do professor na elaboração didática e no seu entendimento da constituição e do funcionamento dos

textos-enunciados nas diversas situações de interação de que fazem parte. Ao fim, reenunciamos Rodrigues; Cerutti-Rizzatti (2011, p.152) com as quais concordamos:

Optamos por empreender uma ação didático-pedagógica que não lança mão de modelizações e de construtos didatizantes. Defendemos o papel central do professor no delineamento dos rumos de seu fazer, para o que entendemos essencial a apropriação do conhecimento científico aqui recortado, mas, reiterando [...] que a lógica da ciência não é a lógica da disciplina, e a escola não é o espaço para ofazer científico, mas para o ensino e a aprendizagem de conhecimentos objetificados, historicamente construídos pela humanidade, tanto quanto para o desenvolvimento de habilidades para os diferentes usos da linguagem, no caso da disciplina de Língua Portuguesa.

Portanto, como já dito, não procuramos sedimentar um caminho de análise estanque e modelizador para os textos-enunciados, mas questionamentos que podem ser levantados em torno da constituição e funcionamento destes. Diferentemente de um trabalho de cunho teórico-epistemológico, acreditamos, nosso presente trabalho resulta, em grande parte, numa proposta que visa a contemplar uma posição praxiológica do fazer docente.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. **Revista Letrônica**, v. 06, p.494-520, 2013.

_____. **O gênero carta de conselhos em revistas online**: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis-SC, 2012.

_____. Contribuições dos estudos sobre gêneros do discurso para a análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 5, p.01-41, 2011.

_____. **O gênero jornalístico notícia**: dialogismo e valorização. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis-SC, 2008.

ADAM, J. M. **Eléments de linguistique textuelle**. Liège: Mardaga, 1990.

_____. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

ALMEIDA, G. P.de. **Transposição didática**: por onde começar. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p.9-32.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R. (Org.). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. 3. ed. São Carlos, SP.: Claraluz, 2007. p.19-32.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Paris: Gallimard, 1966.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

CHEVALLARD, Y. **La Transposition Didactique**: Du Savoir Savant au Savoir Enseigné. Grenoble, La pensée Sauvage, 1991.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010. p.71-80.

_____. **Portos de passagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1991].

_____. **O texto na sala de aula**. 3 ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985 [1984].

HALTÉ, J. O espaço didático e a transposição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, p.117-139, jul./dez. 2008 [1998].

MEDVIÉDEV, P.N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo-SP, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p.152-183.

RODRIGUES, R. H; CERUTTI-RIZZATTI, E. **Linguística Aplicada**: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p.184-207.

PONZIO, A. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro& João Editores, 2012.

STREET, B.V. What's new in New Literacy Studies? Critical Approaches to Literacy in Theory and Practice. **Current Issues in comparative Education**, New York, vol. 5, n.2; p.77-91. 2003.

VOLOSHINOV, V. N. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. **Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona: Anthropos, 1993[1929]. p.217-243.